

# A construção da personagem negra Fio Jasmim no romance *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo

*The construction of the black character Fio Jasmim in the novel *Canção para ninar menino grande*, by Conceição Evaristo*

Submetido em: 23/08/2024

Aceito em: 12/11/2024

Lisiane Oliveira e Lima Luiz<sup>1</sup>  
Vera Lúcia da Rocha Maquêa<sup>2</sup>

**Resumo:** A imagem do homem negro na sociedade brasileira foi construída carregada de estereótipos. Ora é visto como “garanhão”, potente sexualmente; ora é tratado como violento, agressivo, alcoólatra, mau pai; ora infantilizado, imaturo, incapaz intelectualmente, necessitando da tutela do homem branco. Mas quem é na verdade o homem negro brasileiro contemporâneo? Que posição ocupa na hierarquia social? Sem a pretensão de responder a todas essas perguntas, o presente artigo tem o objetivo de trazer contribuições, discussões e questionamentos sobre a construção do conceito de masculinidade negra a partir da análise da personagem Fio Jasmim, do romance *Canção para ninar menino grande*, da escritora negra brasileira Conceição Evaristo. Para embasar as análises realizar-se-á uma breve abordagem com enfoque na dominação masculina realizada por Bourdieu (2012), Davis (2016); e os aspectos do feminismo, teorizados por Badinter (1993) e alguns aspectos da Literatura contemporânea apresentados por Dalcatagnè (2012). Espera-se trazer contribuições para os estudos literários, a crítica feminista e a compreensão das masculinidades negras.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo; Masculinidades negras; Personagem Fio Jasmim.

**Abstract:** The image of black men in Brazilian society was built full of stereotypes. Sometimes he is seen as a “stud”, sexually powerful; sometimes he is treated as violent, aggressive, an alcoholic, a bad father; sometimes infantilized, immature, intellectually incapable, needing the tutelage of the white man. But who really is the contemporary Brazilian black man? What position does it occupy in the social hierarchy? Without the intention of answering all of these questions, this article aims to bring contributions, discussions and questions about the construction of the concept of black masculinity based on the analysis of the character Fio Jasmim, from the novel *Canção para ninar menino grande*, by the writer Brazilian black woman Conceição Evaristo. To support the analysis, a brief approach will be carried out focusing on male domination carried out by Bourdieu (2012), Davis (2016); and aspects of feminism, theorized by Badinter (1993) and some aspects of contemporary literature presented by Dalcatagnè (2012). It is expected to bring contributions to literary studies, feminist criticism and the understanding of black masculinities.

**Keywords:** Conceição Evaristo; Black masculinities; Fio Jasmim Character.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Tangará da Serra. Bolsista FAPEMAT Edital nº 004/2023-Doutorado com produto tecnológico. Docente na Universidade Federal de Rondônia. E-mail: lisiane.oliveira@unemat.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9339840846202044>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3859-7127>

<sup>2</sup> Doutora em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail maqueav@unemat.br. Lattes <http://lattes.cnpq.br/9059264258962247>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0879-4469>

A imagem do homem negro na sociedade brasileira foi construída carregada de estereótipos. Ora é visto como “ganhão”<sup>3</sup>, potente sexualmente; ora é tratado como violento, agressivo, alcoólatra, mau pai; ora infantilizado, imaturo, incapaz intelectualmente, necessitando da tutela do homem branco. Mas quem é na verdade o homem negro brasileiro contemporâneo? Que posição ocupa na hierarquia social? Qual a sua verdadeira identidade? Sem a pretensão de responder a todas essas perguntas, o presente artigo tem o objetivo de trazer contribuições, discussões e questionamentos sobre a construção do conceito de masculinidade negra a partir da análise da personagem Fio Jasmim, do romance *Canção para ninar menino grande*<sup>4</sup>, da escritora negra brasileira Conceição Evaristo.

Esses estereótipos sobre o homem negro também aparecem na Literatura brasileira. A crítica Regina Dalcastagnè, no livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), destaca que pesquisas realizadas sobre 258 romances de autores brasileiros publicados pelas três mais importantes editoras do país entre 1990 e 2004 indicaram que o romance brasileiro tem privilegiado a representação de um espaço social muito restrito:

Suas personagens são, em sua maioria, brancas, do sexo masculino das classes médias. Sobre outros grupos, imperam os estereótipos. As mulheres brancas aparecem como donas de casa; as negras como empregadas domésticas ou prostitutas; os homens negros, como bandidos. Assim, o campo literário, embora permaneça imune às críticas que outros meios de expressão simbólica costumam receber, reproduz os padrões de exclusão da sociedade brasileira (Dalcastagnè, 2012, p. 09).

No entanto, um movimento que vem ganhando força nos Estudos Literários é a publicação de romances escritos por pessoas negras que retratam a realidade dos excluídos na sociedade brasileira. Nesses romances encontram-se personagens negras bastantes complexas, que acessam outros espaços, são mulheres que sonham

<sup>3</sup> Segundo Houaiss (2009) o termo ganhão tem as seguintes acepções: “adj.s.m. (a1536) 1 diz-se de ou cavalo destinado à reprodução 2 p.metf. diz-se de ou homem muito dado a mulheres; femeeiro etim. orig. contrv. sin/var pai-d'égua.” Ou seja, fica claro a sua qualificação como o mulherengo histórico que vai na linha do donjuanismo.

<sup>4</sup> *Canção para ninar menino grande* – O romance contemporâneo foi escrito para uma primeira publicação em 2018. No entanto, Conceição Evaristo não ficou satisfeita e resolveu publicar uma segunda versão em 2022 para dar voz a mais personagens (UOL, 2022). No livro, Evaristo, aponta que: “As histórias desvendadas neste segundo relato se vinculam à primeira narração. Repito, não sei se a falha foi de Juventina ao me contar ou se me desatentei em algum momento da escuta. Tento remediar, apresentando agora o que meus sentidos deixaram escapar por ocasião da primeira narrativa de *Canção*” (Evaristo, 2022, p. 08).

em alcançar sucesso profissional, não apenas na função de empregadas domésticas ou prostitutas. Na mesma esteira, personagens masculinas são representadas como trabalhadoras e não mais apenas estereotipadas com todos os aspectos negativos possíveis e imagináveis.

Um exemplo desse movimento de contestação é a escrita da afro-brasileira Conceição Evaristo que, por meio da obra *Canção para ninar menino grande*, traz uma temática relevante para discussões com leitores jovens e adultos ao relacionar literatura e sociedade, ficção e realidade, vivência e criação: escrevivência, como a escritora afirma no Prefácio da obra em análise:

Este livro é oferecido a todas as pessoas que se enveredam pelos caminhos da paixão e que, mesmo se resfolegando em meio a muitas pedras, não se esquecem do gozo que as águas permitem. É uma celebração ao amor e às suas demências. É ainda um júbilo à vida, que me permite embaralhar tudo: vivência e criação, vivência e escrita. Escrevivência (Evaristo, 2022, p. 03).

Mesmo após o término oficial da escravatura no Brasil em 1888, a violência colonial continua produzindo traumas na população negra, que busca em um grande esforço sobreviver e afirmar-se desde o 13 de maio de 1888, em uma sociedade que parece querer lembrar às novas gerações negras, a todo momento, a situação de escravizados por meio do racismo.

Dessa forma, a presente análise busca trazer algumas reflexões sobre a construção do protagonista Fio Jasmim sob a perspectiva da masculinidade negra, pois essa personagem apresenta comportamentos característicos de todos os homens, não somente dos negros. Em razão do preconceito racial, os homens negros, em sua maioria, são taxados de promíscuos e maus pais pela sociedade, numa proporção maior que os homens brancos. Na contracapa da obra em análise, o escritor afro-brasileiro Jeferson Tenório aponta que:

Na figura do personagem Fio Jasmim, Conceição discute com maestria as contradições e complexidades em torno da masculinidade de homens negros e os efeitos nas relações com as mulheres negras. O livro é um mergulho na poética da escrevivência e, ao mesmo tempo, um tributo ao amor sob uma ótica poucas vezes vista na literatura brasileira. Sim, estamos diante de mais um acontecimento literário (Evaristo, 2022, contracapa).

Posto isso, passamos à análise da personagem Fio Jasmim sob a perspectiva teórica da dominação masculina e os desdobramentos do comportamento da

personagem em interação com as diversas mulheres que encontra ao longo da vida. Também verificaremos a hipótese construída na leitura da obra de que a personagem Fio Jasmim contribui para a quebra de alguns estereótipos solidificados na sociedade brasileira em relação ao homem negro.

### **Breve discussão sobre o conceito de masculinidades**

Presenciou-se, no mês de setembro de 2023 nos noticiários brasileiros, cenas desproporcionais e ofensivas de jovens expondo os corpos seminus em ginásios esportivos. Tratava-se de estudantes de medicina da UNISA (Universidade de Santo Amaro), interior de São Paulo, que se uniram e resolveram mostrar as genitálias e simular um ato sexual coletivo de masturbação enquanto assistiam a um jogo de voleibol feminino (G1, 2023). Com as investigações descobriu-se outros atos que estão sendo apurados pela Polícia Civil como: brigas, hinos com apologia ao estupro, maus-tratos a animais, entre outros. Isso nos leva a refletir: qual o objetivo de repugnantes atos? O que os levou a exibirem as genitálias em ambiente público? A opinião pública foi decisiva para que essa situação fosse apurada, no entanto, os culpados não foram responsabilizados criminalmente. Esse é um exemplo de como a dominação masculina branca se “naturaliza” e se torna “comum” nas “brincadeiras” de jovens que não respeitam os outros corpos, e acabam cometendo violência física e simbólica.

Na obra *A Dominação masculina* (2012), Pierre Bourdieu discorre sobre o poder masculino como um *habitus*, lei social incorporada. A estrutura da sociedade convencionou que existem papéis diferentes a serem desempenhados por homens e mulheres, uma espécie de antítese: ao homem, o externo, a rua; à mulher, o interno, a casa, o cuidado com os filhos. Conforme demonstra Bourdieu:

Elas estão inscritas na fisionomia do ambiente familiar, sob a forma de oposição entre o universo público, masculino, e os mundos privados, femininos, entre a praça pública (ou a rua, lugar de todos os perigos) e a casa (já foi inúmeras vezes observado que, na publicidade ou nos desenhos humorísticos, as mulheres estão, na maior parte do tempo, inseridas no espaço doméstico, à diferença dos homens, que raramente se veem associados à casa e são quase sempre representados em lugares exóticos)[...] (Bourdieu, 2012, p. 72).

Fato que podemos observar na narrativa em análise, pois a personagem Fio Jasmim viajava constantemente à trabalho e nesse período relacionava-se com várias

mulheres, enquanto sua esposa, Pérola Maria, permanecia em casa cuidando dos filhos e do lar.

Em razão das transformações sociais e econômicas, as mulheres passaram a ocupar espaços que antes eram exclusivamente ocupados por homens. No entanto, ao assumirem esses papéis, muitas vezes, são confrontadas/ofendidas, por homens, que insistem na manutenção da dominação masculina e investem na violência física ou simbólica para afirmar seu poder e virilidade. Para Bourdieu:

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade (Bourdieu, 2012, p. 64).

Situação que ficou nítida no caso dos estudantes brancos de medicina, que colocaram em jogo suas carreiras profissionais ao cometeram atos reprováveis para afirmarem-se diante de outros homens brancos ofendendo a todas as mulheres presentes. Esses atos corroboram com o pensamento de Bourdieu ao afirmar que:

A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo (Idem Ibidem, p. 67)

Em outras palavras, a mensagem que o ato dos estudantes deixou foi “Este espaço é nosso e fazemos o que queremos”. Para Bourdieu o androcentrismo é o resultado de uma relação histórica de diferenciação; como exemplo cita situações em que homem e mulher são vistos como duas variantes “superior e inferior”. O órgão sexual feminino, na Idade Média, por exemplo, não era nomeado, era representado como “falo invertido”:

A representação da vagina como um falo invertido, que Marie-Christine Pouchelle descobriu nos escritos de um cirurgião da Idade Média, obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas (Bourdieu, 2012, p. 23).

Esse trabalho constante de diferenciação entre homens e mulheres atravessou os séculos e ainda é perceptível nas relações de poder na atualidade quando as mulheres não são consideradas aptas a ocupar cargos de autoridade e de

responsabilidade nas áreas da economia, finanças e na política tendo em vista a divisão sexual do trabalho:

A definição de um cargo, sobretudo de autoridade, inclui todo tipo de capacitações e aptidões sexualmente conotadas: se tantas posições dificilmente são ocupadas por mulheres é porque elas são talhadas sob medida para homens cuja virilidade mesma se construiu como oposta às mulheres tais como elas são hoje. Para chegar realmente a conseguir uma posição, uma mulher teria que possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma estatura física, uma voz ou aptidões como a agressividade, a segurança, a "distância em relação ao papel", a autoridade dita natural etc, para as quais os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens (Bourdieu, 2012, p. 78).

A naturalização do poder masculino branco é aceito sem questionamento por muitas mulheres e outras vezes reforçado na criação dos filhos. Bourdieu aponta que a dominação masculina encontra no desconhecimento um de seus melhores suportes, pois tal favorece ao dominante a aplicação do *amor fati* (em latim “amor ao fado”, “amor ao destino”) que naturaliza comportamentos autoritários ou cruéis impingidos às mulheres e também a *libido dominandis* que é o desejo que o dominador tem pela dominação e, assim, perpetua o poder. O trabalho de reprodução inconsciente da dominação masculina, segundo Bourdieu, é atribuído “à Família, Igreja, Estado, Escola, etc., que, com pesos e medidas diversas em diferentes momentos, contribuíram para arrancar da História, mais ou menos completamente, as relações de dominação masculina” (Bourdieu, 2012, p. 101).

Cabe salientar que essas reflexões sobre as diversas formas de dominação masculina foram pensadas antes de Bourdieu pelas feministas negras estadunidenses como Angela Davis e bell hooks. Os trabalhos críticos do movimento feminista conseguiram romper, em determinadas áreas, o “círculo do reforço generalizado” (Bourdieu, 2012, p. 106) e a dominação masculina passou a ser questionada. Outra questão relevante é que para o movimento feminista negro, o homem negro não compartilhava nesse processo do mesmo poder atribuído aos homens brancos heterossexuais, o que também passou a ser tema de investigação pelas pensadoras negras.

Sobre a criminalização do homem negro, no capítulo intitulado “Estupro, Racismo e o mito estuprador negro”, do livro *Mulheres, raça e classe*, a filósofa Angela Davis discorre sobre as estratégias do homem branco nos EUA em criminalizar o

homem negro atribuindo-lhe características de homem violento, cachaceiro, estuprador e imputando-lhe a pena de linchamento:

Qual era a realidade por trás desse mito terrivelmente poderoso do estuprador negro? Sem dúvida, houve alguns casos de homens negros que estupraram mulheres brancas. Mas o número de estupros que de fato aconteceram era desproporcional às alegações implicadas no mito. Como indicado anteriormente, durante toda a Guerra Civil não houve um único caso notificado de uma mulher branca que tenha sido estuprada por um escravo. Embora praticamente todos os homens brancos do Sul estivessem na frente de batalha, nunca foi levantada nenhuma queixa de estupro (Davis, 2016, p. 184).

Davis (2016, p. 189) afirma: “Além disso, o linchamento em si, como um terrível instrumento do racismo, também servia para fortalecer a dominação masculina.” Nesse sentido, o mito criado fortaleceu a dominação masculina branca autorizando o linchamento de muitos homens negros inocentes, sem defesa diante de um Estado racista.

No artigo *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*, Connell e Messerschmidt (2013) fazem um percurso histórico do conceito de masculinidade hegemônica desde o início dos estudos em 1980. Os pesquisadores apoiados em pesquisas e críticas, sugerem a reformulação para uma visão mais contemporânea, mas com a manutenção de conceitos que se sustentam à luz das pesquisas e críticas, e o descarte de algumas características do conceito original, pois:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 05).

Na concepção dos autores, deve ser mantida a característica fundamental do conceito que é a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre as masculinidades, pois “padrões múltiplos de masculinidade têm sido identificados em muitos estudos, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 22). Também foi bastante difundido em pesquisas que “certas masculinidades são socialmente mais aceitas ou mais associadas com autoridade e poder social que outras” (Connell e Messerschmidt, 2013,

p.22). Por exemplo, o homem negro e o homossexual não se configuram na masculinidade hegemônica. Sendo assim, o que deve ser rejeitado é a compreensão de que as masculinidades são um padrão único de poder, ou seja, uma dominação global dos homens sobre as mulheres:

Por exemplo, a dominação nas relações de gênero envolvem uma interação entre custos e benefícios, desafios à masculinidade hegemônica emergem das “masculinidades de protesto” dos grupos étnicos marginalizados e mulheres burguesas podem se apropriar de aspectos da masculinidade hegemônica ao construírem carreiras profissionais ou corporativas. Claramente, melhores formas de compreender as hierarquias de gênero são necessárias (Connell e Messerschmidt, 2013, p.24).

Dessa forma, é nítido o esforço de reformulações do conceito de masculinidade hegemônica e melhor compreensão das hierarquias de gênero, desde sua formulação em 1980. Esse conceito tem sido utilizado na tentativa de descrever o comportamento do homem, no entanto, compreende-se que não é possível o fechamento de um conceito fixo, visto que as construções sociais são múltiplas e as sociedades passam por transformações e esse homem também se transforma. Além disso, os homens podem mudar determinados comportamentos de acordo com a interação social:

Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Consequentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 17).

Sendo assim, as práticas discursivas que ocorrem em diferentes contextos moldam o comportamento dos homens. No entanto, percebe-se, de um modo geral, o empenho na manutenção da dominação masculina hegemônica em relação às mulheres e o rebaixamento de homens negros e/ou LGBTQIA+, seja desprestigiando o trabalho feminino ou com piadas racistas e homofóbicas.

### **A masculinidade negra de Fio Jasmim**

Em *Canção para ninar menino grande*, a voz narrativa nos apresenta Fio Jasmim, um homem casado, que desde o início do relacionamento trai a noiva Pérola Maria, sua futura esposa, e assim permanece ao longo do casamento. São tantas as

mulheres que passaram pela vida de Fio Jasmim e tantos os filhos que não é possível enumerá-los. Fio Jasmim é como uma semente a germinar muitos jardins ou como a narradora o chama de “lírio negro” (Evaristo, 2022, p. 94) a fecundar. No entanto, ele não se sente responsável por nenhuma mulher ou filho que deixou para trás. Não há sentimento de culpa nele, pois é um “homem-máquina”. Apesar de todas as “supostas” felizes aventuras amorosas nas ferrovias por onde passava, ele sempre retornava à Chegada Feliz, lugar onde residia com a sua esposa Pérola Maria, a eleita, e seus filhos legítimos:

Fio Jasmim tinha indubitável certeza do amor de Pérola Maria. Ele afirmava o sentimento que a esposa nutria por ele aos quatro ventos. Tinha tanta certeza que, quando partia para novas conquistas, nenhum esforço fazia em busca de bons resultados. Caso não conseguisse, pensava Fio Jasmim, Pérola estaria em casa, sempre aguardando por ele. Para Fio, Pérola não oferecia enganos (Evaristo, 2022, p. 93).

O tom irônico na construção do parágrafo é proposital para marcar as reflexões sobre a construção dessa personagem que é capaz de fazer a esposa sofrer, chorar amargamente a dor de uma traição e mesmo assim, instantes depois, recolher as lágrimas dela em um ato de compreensão como veremos adiante.

No romance de Evaristo percebe-se uma certa aproximação temática com *Niketche: uma história de poligamia*, da moçambicana Paulina Chiziane. Esse diálogo entre as obras evidencia-se no modo de agir de Fio Jasmim e de Tony, pois as personagens são homens que mantêm relacionamentos extraconjugais, têm filhos fora do casamento, no entanto, não sentem culpa ou desejo de deixar a esposa, pelo contrário, sempre voltam para casa:

Nenhuma dessas relações Jasmim desmentia, mas também explicitamente não confirmava. Abraçava a mulher, dizia ser ela a pérola e as outras pedras brutas sem qualquer brilho. Cuidadoso, bebia e lambia as poucas lágrimas que a mulher vertia nas horas em que a infidelidade do marido lhe doía (Evaristo, 2022, p.16).

Como se pode ver em Chiziane:

Desde que ele subiu de posto para comandante da polícia e o dinheiro começou a encher as algibeiras, a infelicidade entrou nesta casa. Os seus antigos namoricos eram como chuva miúda caindo sobre os guarda-chuvas, não me atingiam. Agora danço a solo num palco deserto. Estou a perdê-lo. Ele passa a vida a fazer companhia às mulheres mais lindas da cidade de Maputo, que lhe chovem aos pés como diamantes. [...] A vida é um grande canto. Canto e choro. Delicio-

me com as lágrimas que correm com sabor a sal, com o maior prazer do mundo. Ah, mas como me liberta este choro! (Chiziane, 2004, p. 09).

Pelos excertos percebe-se o sofrimento das mulheres pela traição dos maridos. As dessemelhanças que se destacam entre as obras são referentes às personagens femininas, pois em *Canção para ninar menino grande* as amantes de Fio de Jasmim, apesar de independentes financeiramente, são dependentes emocionalmente dele e mesmo abandonadas, a maioria, continua nutrindo um forte sentimento por ele em alguma cidadezinha por onde os trilhos do trem passaram.

A maioria dessas mulheres eram submissas às migalhas de amor que Fio Jasmim deixava. Embora, o romance mostre que enquanto Jasmim estava com elas havia intensidade:

Jasmim teve muita sorte com as mulheres que cruzaram os caminhos dele. Elas lhe ofereceram amor ou um inofensivo esquecimento. [...] Parece que essas relações ficaram como se nunca tivessem existido para ele. Mas quem sabe, talvez, alguma dessas lembranças desses encontros estivessem conservadas em algum vão de sua memória. Entretanto, como partículas tão pequenas, como imagens tão diluídas, que ele poderia afirmar a inexistência delas (Evaristo, 2022, p. 17).

A esposa, Pérola Maria, aceitava passivamente a traição do marido. Quando as traições doíam demais ela derramava-se em lágrimas que Fio Jasmim logo consolava, e assim, nas pazes, mais um filho era gerado: com Pérola foram nove filhos. Interessante destacar o choro de Pérola Maria, pois no excerto citado anteriormente a narradora nos fala de “poucas lágrimas que a mulher vertia” e em outro momento aponta: “Pérola ignorava ou, quando muito, caía em um choro tão profundo, mas só de lágrimas, que causava um remorso em Fio.” (Evaristo, 2022, p. 16). Essa diferença no choro nos faz refletir: Por que em alguns momentos ela chorava com poucas lágrimas e em outros as lágrimas vertiam com intensidade? Qual seria a mais dolorida? É possível medir a intensidade da dor de uma traição?

Na obra de Chiziane, a personagem Rami quando descobre as traições do marido tem uma atitude de raiva e quer mudar aquela situação. Então, alia-se às amantes que eram dependentes economicamente de Tony, seu esposo, e “viram o jogo”. Por fim, Tony é humilhado e abandonado por todas as mulheres que possuía.

Em Evaristo, há uma resignação de Pérola Maria em aceitar as traições do marido desde o noivado. As notícias da traição chegavam até ela, mas recusava-se a acreditar. O que levava Pérola a aceitar aquela situação? Por meio da narradora

tomamos conhecimento que Fio Jasmim fazia Pérola Maria acreditar que ela era a mais valiosa.

Fio Jasmim, com seus quase vinte anos, em vésperas de casamento com Pérola Maria, já tinha conhecido várias mulheres. Ele gostava da liberdade daquelas que se diziam e se portavam como livres. Como o pai, Máximo Jasmim, ele repetia que o homem, o macho, nada tinha a perder. Os maquinistas homens mais velhos, tendo idade inclusive para serem pais do moço, parabenizaram o gosto do rapaz por mulheres. Diziam que o jovem ajudante de maquinista trazia em si algo rijo, inquebrantável como os ferros do trem de ferro. E gargalhavam até se contorcer com as piadinhas insossas que criavam, cuja base provocadora do riso era sempre o duro do ferro a açoitar as mulheres (Evaristo, 2022, p. 20).

No excerto, tomamos conhecimento de que no noivado, Fio Jasmim relacionava-se com prostitutas e seguia os conselhos do pai nos relacionamentos sexuais. E no trabalho, a amizade com os homens mais velhos, o deixou muito confortável nas aventuras com seu “ferro rijo”, metáfora usada para o poder fálico a ferir e “açoitar as mulheres”. A construção dessa imagem da virilidade donjuanesca é discutida em *XY: sobre a identidade masculina*, de Elisabeth Badinter:

É, portanto, por seu sexo e pela atividade sexual que o homem melhor toma consciência de sua identidade e virilidade. Isto significa também que, após a ejaculação, quando as sensações eróticas de seu pênis desaparecem, ele sofre uma espécie de ausência, a morte de sua vida fálica. Donde a atividade frenética de Don Juan, que nunca para de colocar a morte em xeque. Para tanto, ele deve objetivar seu corpo e considerá-lo como uma máquina que ignora a angústia, a fadiga e os estados de espírito. Inúmeros são os homens que, obcecados pela virilidade, não mais consideram o sexo verdadeiramente como um órgão de prazer, mas como uma ferramenta, o instrumento da performance, uma coisa separada deles (Badinter, 1993, p. 141).

No excerto, podemos comprovar essa relação do homem-máquina, viril, sempre pronto a “açoitar as mulheres” com seu falo com o comportamento de Fio Jasmim e as piadas sobre as mulheres nas conversas com os colegas mais velhos no ambiente de trabalho, de forma a corroborar os ensinamentos que Fio Jasmim aprendera com o pai:

O pai de Jasmim, homem já maduro, cuja flor já não gozava de haste tão rija, sorria feliz ouvindo as histórias do filho. Na escuta dos jactados encontros de Jasmim com as mulheres oferecidas diante dele a brincar desejantes e carinhosas com seu ereto lírio negro. Bem se vê que a lição que Fio Jasmim tivera em casa estava sendo muito bem aproveitada (Evaristo, 2022, p. 94).

Nessa escrevivência, temos a voz narrativa feminina em terceira pessoa que se propõe a contar a história de amor e/ou dor das mulheres de Fio Jasmim. A narradora conta que pertence a um círculo, uma espécie de confraria de mulheres. O que faziam nessas reuniões? Compartilhavam suas dores? O que sabemos é que nessa confraria a personagem Tina começa a contar o seu romance extraconjugal com Fio Jasmim que durou cerca de 35 anos, até quando ela quis. Rememorar essa dor causa um mal-estar tão grande em Tina que a sensação que todas tem é a de que ela estava prestes a ter um ataque cardíaco. Mas, era dor de amor ou melhor, desamor.

Fio Jasmim é descrito, no início da narrativa, como um homem negro, jovem, bonito e era auxiliar de ferrovia, assim como o pai dele havia sido. Pela descrição e atitudes de Fio Jasmim, pode-se inferir que o mesmo seguiu à risca os passos do pai em todos os sentidos: na vida profissional e amorosa. Com o pai aprendeu desde cedo que um homem de verdade brigava na rua, não chorava e devia ter muito cuidado com as mulheres, e com elas não era bom brigar, pois poderiam negar a ele um bem precioso: o sexo. O que ele só entenderia mais tarde, talvez.

Fio Jasmim, depois que se entendera por gente, ou melhor, bem antes, ali pelos dez anos, chorara muito pouco diante de alguém. Se tinha raiva, medo ou tristeza, lágrimas vertidas para dentro pretendiam dar conta de qualquer sentimento. Aprendera, desde cedo, a engolir o choro e deixar de lado qualquer sentimento que parecesse dor ou tristeza. Só a raiva era permitida, se não fosse contra os mais velhos. Raiva, explosão, enfrentamento na rua eram atitudes de um menino que estava se tornando homem. Mas uma advertência o pai fazia: cuidado com as mulheres. Se brigasse com elas, que medisse as palavras e evitasse discutir, porque as mulheres quando começavam, não paravam (Evaristo, 2022, p. 111).

Temos, assim, a origem do comportamento de Fio Jasmim, ele aprendera desde cedo com o pai como deveria ser o comportamento de um “homem de ferro” e as negociações/ jogos sexuais com as mulheres. Muitas mulheres passaram pela vida de Fio Jasmim durante seu trabalho na ferrovia. E todas eram mulheres independentes financeiramente. Embora ficassem tristes com a partida/sumiço dele, seguiam em frente criando o filho/semente deixado por ele. Assim como o trem abastecia as cidades com suprimentos, Fio Jasmim metaforicamente supria com seus afetos sexuais a carência das mulheres que encontrava nas cidadezinhas. Dito de outra forma, como o trem de ferro, Jasmim com seu “duro de ferro” atravessava as mulheres carentes de afeto, dava-lhe filhos e as abandonava.

Na narrativa, Fio Jasmim nunca se portou com violência física ou verbal com nenhuma mulher. Pelo contrário, as mulheres pareciam não resistir ao encanto dele. No entanto, elas sempre eram abandonadas, ele as via apenas como um prazer momentâneo. Isso nos faz questionar: até que ponto essa atitude não é violência? Existe uma informação registrada pela narradora que poderia “justificar” a impulsividade de Fio Jasmim, o fato de ele ter moleira aberta:

Fio Jasmim era mesmo um homem sem juízo algum. Devia ser porque nascera com a moleira aberta, que não fechava nunca, diziam. Tardiamente, já beirando os nove anos, foi que a fenda do alto da cabeça dele fechou. E parece que nem fechou inteiramente, tantas eram as proezas que o homem arranjava (Evaristo, 2022, p. 95).

A sabedoria popular dos mais velhos diz que crianças cuja moleira não se fecha tendem a se tornar adultos sem bom senso. Seria o caso de Fio Jasmim? A moleira aberta seria a razão para tantas traições e abandono de filhos? Tomamos conhecimento de uma situação acontecida na escola que marcou profundamente a experiência de Fio Jasmim quando criança. Ele foi preterido pela professora para representar o príncipe numa peça teatral:

Se naquele dia, quando tinha apenas oito anos de idade, a professora Dona Celeste, depois de ter contado a história da Cinderela, impediu que ele encarnasse o papel de príncipe, chamando para o jogo cênico, um menininho loiro, ele agora poderia ser tudo. Seria então o Príncipe Negro da noite e encontraria tantas mulheres, tantas cinderelas, quanto o seu coleguinha branco, com certeza, estava encontrando na vida. Eles eram homens. E, como o homem branco, ele conquistava todas as mulheres que surgissem em sua frente. Eram iguais, ele e o homem branco, assim pensava Fio Jasmim... (Evaristo, 2022, p. 22).

A narrativa dá indício de que esse trauma perseguiu toda a vida afetiva de Fio Jasmim. E como uma espécie de desforra à professora que não havia permitido que ele fosse o príncipe da peça, agora, adulto, sentia-se o “Príncipe Negro da noite”, capaz de conquistar tantas mulheres quanto o seu colega branco era capaz de conquistar. O trecho citado evidencia os efeitos que o preconceito racial pode causar na formação da imagem de uma criança em processo de construção de sua identidade.

Na escolha da professora fica nítida, também, a confirmação da masculinidade hegemônica ao dar o papel de príncipe a uma criança loira e a exclusão do menino negro como príncipe. Dessa forma, na infância, Fio Jasmim sentiu-se inferior ao menino branco, e na fase adulta, pensava não haver distinção.

A narrativa finaliza com uma redenção para Fio Jasmim. A forma como Conceição Evaristo construiu o enredo deixa um espaço para que o (a) leitor (a) não cultive verdadeiro ódio por Fio Jasmim, pois no desfecho toda a “casca” que cobria Fio Jasmim é retirada ao conhecer em um bar Eleonora Distinta de Sá, uma mulher lésbica, a única que foi capaz de compreender a solidão de Fio Jasmim. Nesse primeiro contato, temos a impressão de que seria mais uma mulher a passar pela vida dele, mas percebemos que se tratava de uma mulher que sofria por não ter um amor correspondido por outra mulher. Esse encontro afetou de tal forma Fio Jasmim que ele caiu em profundo choro e pôde compartilhar com Eleonora todas as experiências amorosas da vida dele:

Sem saber por que, Fio Jasmim se sentiu só e triste também. Desejou ter ali, junto dele, todas as mulheres que ele tinha tido um dia e as que ainda se faziam presentes: Pérola Maria e Tina Maria Perpétua. Olhou para a moça, não mais querendo lhe oferecer companhia, mas pedindo amparo, acolhida. Tinha tanto medo de acabar só. E se todas as mulheres do mundo brigassem com ele? Se elas fizessem um complô contra ele. Por favor, moça, me acolha, **a solidão às vezes me dói da cabeça aos pés** (Evaristo, 2022, p. 108, grifo nosso).

Esse trecho da narrativa, dialoga também com a obra de Chiziane em que Tony acaba sozinho, todas as cinco mulheres se rebelaram contra ele. Por meio da narradora, tomamos conhecimento de que Fio Jasmim não era mais o mesmo. Agora, mais velho, sentia-se só e com medo do abandono das duas mulheres que se mantinham ligadas a ele, Pérola Maria (esposa) e Tina Maria (amante). Ele não era mais o homem-máquina abrindo caminhos e lançando sementes.

Eleonora Distinta de Sá buscou, lá no fundo de sua tão antiga solidão, um sorriso para oferecer ao Fio Jasmim. Conseguiu. [...] Os acontecimentos se deram como se o mundo fosse terminar no instante seguinte, não podendo, pois desperdiçar um lapso de tempo. Era preciso acontecer tudo, antes que a vida se esvaísse. Olhares trocados, corpos mudando de lugar, garrafas espatifadas e rindo junto com dois humanos. E, ainda, o som de um compulsivo choro. Sim, das gargalhadas às lágrimas. Fio Jasmim caiu em um pranto profundo. Em um profundo e doloroso pranto (Evaristo, 2022, p. 108-109).

Pela descrição, em um primeiro momento, pode-se pensar que se tratava de um encontro amoroso, de amor à primeira vista. No entanto, os laços que os ligaram foram de afeto e amizade verdadeira. O que Jasmim nunca havia cultivado nas frágeis relações com seus colegas de trabalho na ferrovia. O “homem duro”, “o homem de

ferro”, se desmancha em prantos, dando espaço para a construção de um homem sensível, um “homem reconciliado” (Badinter, 1993<sup>5</sup>). Além do choro, Fio Jasmim tece reflexões que nunca havia feito sobre as mulheres que haviam passado em sua vida:

Jasmim era um homem de muitas brincadeiras e piadas, cuja motivação do riso se tratava sempre de mulheres. Apesar de as conversas de Jasmim com os outros homens girarem sempre em torno das mulheres, ele, como grande parte de seus amigos, pouco sabia sobre elas. Fio, por exemplo, nunca tinha buscado dentro dele as mulheres que viviam em seus dias. Que lugar elas ocupavam na vida dele? Onde as mulheres de Jasmim habitavam nele? No entremeio do corpo dele? No entremeio dele todo como pessoa, como homem? (Evaristo, 2022, p. 123).

Com essas reflexões, Jasmim pouco a pouco se livra do estereótipo do hipermacho que para Badinter (1993) é um homem mutilado, pois é vítima de uma imitação alienante dos estereótipos heterossexuais masculinos. Para a autora, tanto o “homem mole”, como o “homem duro” são “vítimas involuntárias do ódio de si mesmos, prisioneiros da ideologia do dualismo oposicional dos gêneros” (Badinter, 1993, p. 164). Sobre o “homem reconciliado”, a filósofa aponta:

O homem reconciliado não é uma mera síntese dos dois machos mutilados precedentes. Nem homem mole invertebrado (soft malè), nem homem duro incapaz de experimentar sentimentos, ele é o gentle man} [“homem amável”] que sabe aliar solidez e sensibilidade. Aquele que encontrou seu pai e reencontrou sua mãe, isto é, aquele que se tornou homem sem ferir o feminino-materno (Badinter, 1993, p. 165).

Jasmim liberta-se, pelas lágrimas, de uma dor profunda, que havia calado desde a infância, e dessa forma, contraria os conselhos recebidos do pai de que homem não chora. Importante salientar que Fio Jasmim não estava bêbado, estava lúcido, não estava “comovido como o diabo”, como aponta Carlos Drummond de Andrade, no *Poema de sete faces*: “[...] mas essa lua, esse conhaque, botam a gente comovido como o diabo” (Andrade, 2017, p. 12).

---

<sup>5</sup> Badinter (1993) estabelece uma tipificação em três espécies de homem: o duro, o mole e o reconciliado. O homem “duro” é aquele que valoriza as características de superioridade e virilidade masculina, não cede à fraqueza ou à passividade, é homófobo e misógino. Já, “O homem mole sucede ao homem duro como seu contrário absoluto. Para agradar às mulheres, que colocavam o macho sob acusação nos anos 70, alguns homens imaginaram que deviam desprezar toda virilidade e adotar os valores e comportamentos femininos mais tradicionais. O homem duro, de feminidade reprimida, cedeu lugar ao homem mole, de masculinidade ignorada.” (Badinter, 1993, p. 147). O homem reconciliado não pode ser entendido como síntese dos dois machos mutilados: duro e mole. Ele é capaz de aliar solidez e sensibilidade.

Para Eleonora, a experiência também foi única. Levou um homem para dentro de casa, dormiu lado a lado com ele e não viveu qualquer temor. Descobriu que os homens, alguns, ou especialmente aquele, tão mulherengo-conclusão a que ela chegara pelas exageradas histórias de conquistas que ele havia contado-, podia se tornar um irmão (Evaristo, 2022, p. 109).

Sendo assim, na narrativa percebe-se a construção da personagem Fio Jasmim como um homem que consegue transformar-se, reconhecer seus erros, numa fase mais madura da vida. Ele passa pelo processo apontado por Badinter (1993), do homem duro ao reconciliado, ao libertar-se das amarras socialmente construídas de que o homem não deve chorar e que o relacionamento com mulheres deve basear-se em contatos sexuais, exclusivamente.

### **Considerações finais**

Na análise da obra *Canção para ninar menino grande* pôde-se relacionar Literatura e os Estudos sobre as masculinidades hegemônicas e aspectos da masculinidade negra. Esse campo de estudo necessita de mais pesquisas e divulgação para além da Academia, com reflexões críticas por diversos meios como audiovisuais, músicas e outras obras literárias que abordem e desconstruam gradativamente essa imagem estereotipada negativa que foi construída e solidificada sobre o homem negro, ao longo do sistema colonial brasileiro e que ainda perdura.

O conceito de dominação masculina teorizados por Bourdieu (2012), Connell e Messerschmidt (2013) discutido no presente artigo, ainda que de forma incipiente, traz reflexões sobre o conceito de masculinidade hegemônica e masculinidades negras construídas ao longo do tempo pelos estudos de masculinidades e estudos feministas. Pelos estudos de Connell e Messerschmidt (2013) entende-se que o conceito de masculinidade hegemônica se aplica ao homem branco e heterossexual, e não se aplica ao homem negro. Em *Canção para ninar menino grande*, temos a exemplificação desse conceito, pois o menino escolhido para ser o príncipe da peça foi uma criança loira. Como Fio Jasmim não superou o trauma da rejeição, tentou na vida adulta ser o príncipe das mulheres, o que causou um profundo sofrimento nelas e nele mesmo quando reconheceu a sua solidão.

Nessa ficção, a escritora negra brasileira Conceição Evaristo dá vida a uma personagem com diversos casos amorosos e vários filhos fora do casamento, assim como o fez Paulina Chiziane. No entanto, ao abordar essa temática é perceptível a

tentativa de criação de uma personagem masculina que não reforce a visão que a sociedade brasileira já possui sobre os homens negros. Fio Jasmim não é colocado em uma posição nem de herói ou de vilão pela narradora, não há julgamento, mas surge como alguém vítima de um trauma da infância não superado, por ser preterido para príncipe da peça escolar; também foi vítima dos ensinamentos machistas herdados do pai, corroborados pelos colegas de trabalho mais velhos. Como adulto, poderia ser o príncipe de todas as mulheres que o apreciavam, em troca do afeto e da aceitação momentânea.

No entanto, com a maturidade e o encontro com uma mulher lésbica amiga (não inimiga, nem amante), além de quebrar estereótipos de que mulheres lésbicas odeiam os homens e não podem ter relacionamentos de cumplicidade, a situação o faz refletir sobre todos os relacionamentos que tivera até aquele momento. O encontro com Eleonora o colocou em um processo de transformação em “homem reconciliado” consigo mesmo ao reconhecer a sua solidão, a sua fragilidade, fugindo dos estereótipos ainda tão enraizados na sociedade brasileira contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. 17<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2012.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia / Paulina Chiziane*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe* [recurso eletrônico]. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- EVARISTO, Conceição. Ninar para acordar gente grande. [Entrevista concedida a] Iara Biderman. Quatro cinco um. *Uol*, dez. 2022. Disponível em:

<https://www.quatrocincom.com.br/br/entrevistas/literatura-brasileira/ninar-para-acordar-gente-grande>. Acesso em 24 out. 2023.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

RODRIGUES. Rodrigo. Hinos ofensivos, maus-tratos a animais e 'paredão de bunda': excessos de estudantes ligam alerta de prefeituras e especialistas. *G1*, São Paulo, 20 set. 23. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/20/hinos-ofensivos-maus-tratos-a-animais-e-paredao-de-bunda-excessos-de-estudantes-ligam-alerta-de-prefeituras-e-especialistas.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2024.

Re-Unir